

# O GOVERNO GEISEL NO JORNAL NOVA GERAÇÃO (1974-1979)<sup>1</sup>

Josi Graciela Petter<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a imagem do governo Geisel (1974-1978) no jornal Nova Geração (NG) de Estrela. Diante do questionamento básico deste trabalho - como o periódico representou o presidente e sua gestão em suas páginas? -, elaborou-se a hipótese de que as matérias expressaram um tom opinativo altamente positivo do chefe do regime militar no período 1974-78, tanto em sua vida pública e política quanto privada e familiar. Para verificação de tal hipótese, foram elaboradas análises e contextualizações que identificam o NG como um jornal comunitário, o qual visa manter o vínculo e a identidade com os leitores, proporcionando entretenimento e informações sobre a “gente” da cidade. Ressalta-se que, embora tenham ocorrido alterações no conteúdo dos textos ao final do mandato do presidente, não houve modificações quanto ao seu teor positivo em relação ao governo Geisel.

**Palavras-chave:** Jornal Nova Geração. Governo Geisel. Comunicação.

Este artigo analisa a imagem do governo de Ernesto Geisel (1974-1979) no jornal *Nova Geração* (NG) de Estrela. Diante do questionamento básico: “Como o periódico representou o presidente e sua gestão em suas páginas?”, elaborou-se a hipótese de que as matérias expressaram um tom opinativo altamente positivo do chefe do regime militar no período 1974-79, tanto em sua vida pública e política quanto privada e familiar. Para verificação de tal hipótese, foram elaboradas análises e contextualizações que identificam o NG como um jornal comunitário, o qual visa a manter o vínculo e a identidade com os leitores, proporcionando entretenimento e informações sobre a “gente” da cidade. Ressalta-se que, para o desenvolvimento da hipótese, foi necessário, anteriormente, realizar um levantamento de informações sobre o jornal, feito por meio de pesquisa local e entrevistas orais, acrescido de estudo sobre as características de um jornal comunitário, a utilização de bibliografias que exploram o significado da informação/comunicação e das matérias de entretenimento e, sobretudo, do acesso às fontes primárias do acervo

---

1 Ver a pesquisa completa em: PETTER, Josi Graciela. **Formalidades e Banalidades: a imagem do governo Geisel no jornal Nova Geração (1974-1979)**. Monografia do curso de História do Centro Universitário UNIVATES. Lajeado, 2005.

2 Graduada em História pelo Centro Universitário UNIVATES.

NG que foram contextualizadas com bibliografias sobre a história política nacional do período proposto.

## O JORNAL NOVA GERAÇÃO

Em treze de Janeiro de 1966 foi fundado, em Estrela<sup>3</sup>, o Jornal *Nova Geração*. Tratava-se de uma iniciativa de um grupo de cinco jovens amigos, com a faixa etária entre 17 e 23 anos, que buscavam um maior espaço para expressar suas opiniões e críticas em relação à cidade. De acordo com o texto da edição especial em comemoração aos dez anos de existência do jornal, em 1976:

A intenção do grupo era não só de criar um jornal de balcão como também de incentivar uma série de promoções visando a juventude, como aliás foi feito através de torneios esportivos (futebol-de-salão, vôlei, gincanas automobilísticas e outras), promoções sociais (na época o grupo começou as chamadas “reuniões-dançantes” - as “boates” de hoje - em Estrela, promoções estas que não existiam aqui). O jornalzinho de balcão teve que ser modificado logo no início. O editorial do segundo exemplar - 20 de janeiro de 1966 - conta que “nossa primeira edição esgotou-se em poucos momentos” A 2ª da mesma forma. Somente a 3ª é que permitiu atender a todos”. Concluiu-se que o negócio era fazer uma jornal para assinantes, sem venda avulsa. Assim se fez.

Neste período, o grupo de jovens, acima citado, reunia-se para diversão e discussão de assuntos em geral, entre eles a situação da cidade. Foi neste meio que surgiu a ideia de criação de um jornal. Segundo Rosemari Neurer, professora aposentada do município e única mulher integrante do grupo fundador, o objetivo principal era questionar alguns aspectos da cidade, falar da vida social etc. Segundo ela, houve apoio da comunidade: um escritório de advocacia emprestou as máquinas para datilografar os textos, outra pessoa emprestou o mimeógrafo para rodar o jornal e assim foram estruturando o semanário.

Não havia em Estrela, na década de 1960, nenhum periódico editado na cidade. Os jornais que circulavam vinham da capital e focavam assuntos de âmbito nacional e estadual. Conforme D<sup>a</sup> Serenita Ruschel, comerciante aposentada, com 88 anos de idade e assinante do jornal desde sua fundação: “Naquele tempo circulavam em Estrela outros jornais da capital. O *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, que era um jornal muito bom. Eu até simpatizava muito com ele, mas de repente ele fechou. A *Zero Hora*, a *Folha da Tarde* e tinha também o jornal alemão, o *Brasil Post* e o *Correio Brasiliense* (19/05/2005). Sobre a criação do *Nova Geração*, D<sup>a</sup> Serenita continua: “Naquela época, assim como hoje, o *Nova Geração* falava da cidade: de esportes, os sociais, do coral. Hoje tem mais coisas: a programação das missas, sobre higiene, culinária, é muito bom” (19/05/2005).

---

3 Município da região do Vale do Taquari, que está situada na região central do Rio Grande do Sul, que é formada por 37 municípios que totalizam, atualmente, uma área de 4.839,9 km<sup>2</sup>. A cidade de Estrela possui hoje, aproximadamente, 28 mil habitantes e uma área de 184,2 km<sup>2</sup>, distante 113 km da capital, Porto Alegre. Grande parte da população é descendente de imigrantes alemães e italianos ([www.estrela.net.br](http://www.estrela.net.br)).

Assim, identificado o *Nova Geração* como um jornal comunitário, cabe ainda entender seu papel perante a sociedade. Embora pareçam inúteis muitas informações publicadas, elas possuem significado e despertam o interesse do público. Lipovetsky (2004) relembra Nietzsche, que defendia a superficialidade em profundidade. Para muitos, somente com a pós-modernidade a banalidade passou a ser vista com outros olhos:

Desde Platão há uma desvalorização do frívolo, do jogo, do lúdico, de tudo o que faz a leveza fundamental do cotidiano contra o drama existencial. Olho novelas na televisão e nem por isso deixo de ler livros. Há quem deseje ver na superficialidade da mídia a explicação para todas as nossa misérias, inclusive da arte contemporânea (LIPOVETSKY, 2004, p. 42).

Embora o NG trate de assuntos nacionais, como a figura de um presidente, observa-se presente, na maioria dos casos, a relação com a comunidade, mantendo assim o seu objetivo principal.

## A IMAGEM DE GEISEL NO JORNAL

Ernesto Geisel foi o quarto general do regime militar a assumir a presidência da República<sup>4</sup>, em março de 1974. Seu mandato está associado à abertura política que ocorreu de forma um tanto quanto contraditória. Boris Fausto (2001, p. 270) relata que: [...] de um lado, Geisel sofria pressões da linha dura, que mantinha muito de sua força. De outro, ele mesmo desejava controlar a abertura, no caminho de uma indefinida democracia, evitando que a oposição chegasse muito cedo ao poder. Assim, a abertura foi lenta, gradual e insegura, pois a linha dura se manteve como uma contínua ameaça de retrocesso até o fim do governo Figueiredo.

Neste sentido, Elio Gaspari (2003, p. 15) coloca: [...] Geisel recebeu uma ditadura triunfalista, feroz contra os adversários e benevolente com os amigos. Decidiu administrá-la de maneira que ela se acabasse. Não fez isso porque desejava substituí-la por uma democracia. Assim como não acreditava na existência de uma divindade na direção dos destinos do universo, não dava valor ao sufrágio universal como forma de escolha de governantes. Queria mudar porque tinha a convicção de que faltavam ao regime brasileiro estrutura e força para se perpetuar.

---

4 A continuar o rodízio de generais na Presidência, agora seria a vez de Geisel, militar de enorme prestígio na corporação. Foi tão bem amarrada a articulação de seu nome que desencorajou outras eventuais candidaturas. Os castelistas – grupo que Geisel liderava – arquitetavam a retomada do poder desde que o haviam perdido, com a vitória de Costa e Silva. Em 1969, Geisel ficara de fora da corrida presidencial, com suspeita de um câncer, não confirmada. Agora, os castelistas não deixariam escapar a oportunidade. A sucessão se definiu dentro do próprio governo. Foi decisiva a influência do ministro do Exército, general Orlando Geisel, irmão do futuro presidente, que usou o poder que o cargo lhe conferia para neutralizar a ação da linha dura. Outro apoio importante partiu do general João Batista Figueiredo, então chefe do Gabinete Militar. Sem concorrente, Geisel teve indicação de sua candidatura oficialmente anunciada em junho de 1973, quando deixou a presidência da Petrobrás, que ocupara durante o governo Medici. Oscar Pilagallo (2002, p. 135).

A vitória de Geisel, feita sob a forma de Colégio Eleitoral<sup>5</sup>, imposto ao país pela Emenda Constitucional de 1969, desencadeou os primeiros atos da nova oposição no Brasil. Neste momento, porém, isso parecia estar sob controle. A eleição de 1974 trouxera novamente os castelhistas<sup>6</sup> ao poder.<sup>7</sup>

No dia 16 de março de 1974, um dia após a posse de Ernesto Geisel, o NG elaborou uma edição para falar especialmente da trajetória de vida do presidente eleito. As matérias publicadas expressam o orgulho e expectativas em relação ao mandato do novo presidente:

Ernesto Geisel, ligado a Estrela por laços afetivos e de família é o novo presidente do Brasil, desde ontem. Com ele no posto mais alto da República brasileira, Estrela também começa a brilhar no cenário nacional. Filho de uma estrelense, casado com uma estrelense, com a única filha nascida em Estrela, Ernesto Geisel não nasceu em Estrela, mas tem aqui laços afetivos mais caros. Filho de imigrante alemão que se estabeleceu temporariamente em Bento Gonçalves, o caçula da família de cinco irmãos não nasceu em Estrela – como o ministro do Exército Orlando Geisel, como o General Henrique, como Bernardo ou sua irmã mais velha – por um simples acaso. A Lydia estava grávida e o marido queria que a criança nascesse em Estrela”. Recorda o escrivão aposentado Reduvino Bertolini, de Bento Gonçalves para a revista *Veja*.

Aspectos da figura pública e pessoal de Ernesto Geisel fundiam-se a todo o momento, sendo possível, desta forma, manter relação entre fatos políticos nacionais e a comunidade estrelense, objetivo principal do jornal. Peculiaridades da vida de Geisel foram destacadas, como uma espécie de edição biográfica. Com um tom saudosista, são apresentados detalhes do namoro do “casal Geisel”: O então Capitão Ernesto Geisel casou com sua prima-irmã Lucy Markus em 10 de janeiro de 1941, no cartório da cidade de Estrela. Joana Beckmann Markus, mãe de Lucy, era irmã de D. Lydia, mãe de Ernesto. Eles se conheceram no Rio de Janeiro no verão de 1939, quando Luci passava férias em companhia de D. Amália, irmã mais

---

5 Foi o regime militar, porém, o período da vida republicana em que o processo de escolha do Presidente da República foi mais manipulado e por mais longo tempo. A situação tornou-se pior do que na República Velha: naquela época, o ungido das oligarquias deveria passar pela aprovação do voto direto, embora em condições precárias. No Estado Militar, entretanto, não há voto direto para presidente: os governantes indicam o eleito... e fazem as regras que produzem os eleitores – o Colégio Eleitoral Biônico. Raimundo Pereira, José Carlos Ruy, Álvaro Caropreso (1984, p. 29).

6 O termo “castelhistas” é utilizado aos políticos que seguiram a linha de Castelo Branco, primeiro presidente do regime militar.

7 Cf. Thomas Skidmore (1988, p. 315) “a ascensão de Ernesto Geisel à presidência foi o ponto culminante de uma campanha cuidadosamente orquestrada. Os castelistas, havendo perdido o controle do Planalto em 1967, foram mantidos a distância durante os governos de Costa e Silva e Médici. Não lhes foi fácil, por isso, abrir caminho novamente para a reconquista do poder. Mas trabalharam com competência. Indicando o novo general-presidente, conseguiram sólido consenso militar em torno do seu nome. Foi a sucessão presidencial mais tranqüila desde 1964”.

velha de Ernesto. As meninas-moças daquela época (hoje senhoras de meia idade), relembram com prazer que o então capitão Ernesto, quando saía à rua com sua farda impecavelmente branca, fazia sucesso. Elas costumavam andar várias quadras só para verem o jovem capitão, “namorado da professora Lucy”.

Sem dúvida alguma, matérias como estas são significativas à comunidade, no sentido de reconhecimento de grupo. Segundo Edgar Morin (2004), o leitor aprecia leituras que proporcionam entretenimento e diversão. Saber como foi o namoro do então presidente da República e sua futura esposa certamente é agradável e interessa ao público, principalmente se essas histórias tiveram como palco a cidade de Estrela.

Vale destacar, ainda, que, para Morin, considerar o leitor como alienado pelo simples fato deste se interessar por leituras banais é um reducionismo e um preconceito sob a máscara de crítica radical da alienação pela mídia. Segundo o autor, a nossa civilização vive diuturnamente ocupada com a produção, portanto, quando as pessoas chegam em suas casas, querem assistir um programa “leve”, ler uma notícia de entretenimento. Trata-se de uma distração pura e simples. O papel que a mídia desempenha em suas vidas não é central nem único.<sup>8</sup>

Acredita-se que o interesse na união do casal se dê, principalmente, pelo fato de D<sup>a</sup> Lucy ser “filha querida de Estrela”. Na maioria das matérias a respeito do presidente, ao longo do mandato, percebe-se um destaque especial à figura da primeira-dama, o que fortalece os laços com a comunidade estrelense.

Considera-se a proposta de retrospectiva da vida do então presidente, feita pelo NG, bastante interessante e peculiar, uma vez que Ernesto Geisel não costumava falar publicamente sobre sua vida privada. Desta forma, conforme dito anteriormente, acredita-se que os leitores do semanário eram privilegiados com informações que, possivelmente, não circulavam em outros meios de comunicação do país.

Em ocasião da posse de Geisel e durante os meses posteriores, nenhuma matéria do NG comentou sobre as nomeações do presidente para a composição dos Ministérios, nem sobre a forma peculiar de administração por ele adotada. Para Skidmore, várias características deste novo Ministério eram dignas de nota. Primeiro, não havia *superministros*, figuras políticas consideradas “intocáveis”, como Delfim e Orlando Geisel foram no governo Médici. Este era um Ministério chefiado pelo presidente, mas que contava com o forte apoio do General Golbery, nomeado, então, chefe do Gabinete Civil da Presidência.

Comentários sobre o plano de governo, ou os “quatro alvos principais” como eram chamados, também estiveram ausentes nas matérias do jornal. O primeiro deles era manter o apoio majoritário dos militares, reduzindo ao mesmo tempo o poder

---

8 O fenômeno comunicacional não se esgota na presunção da eficácia do emissor. Existe sempre um receptor dotado de inteligência na outra ponta da relação comunicacional. A mídia permanece um meio. A complexidade da comunicação continua a enfrentar o desafio da compreensão, cf. Edgar Morin (2004, p. 19).

da linha dura e restabelecendo o caráter mais puramente profissional dos membros das forças armadas. Geisel sabia da importância dessa meta para o seu mandato. O segundo propósito se destinava a controlar os chamados “subversivos” e os centro-esquerdas. Segundo Skidmore (1988), Geisel não queria dar a oportunidade à linha dura de acusar o governo de “brando” com a esquerda. Em terceiro lugar, a redemocratização. Segundo Geisel ela aconteceria de forma gradual, mas segura. Quarto e último objetivo, manter as altas taxas de crescimento econômico, obtidas no governo Médici.

Em matéria de três de agosto de 1974, onde é relatada a visita do presidente ao Estado, percebe-se o sentimento ufanista à colonização alemã, muito presente na região do Vale do Taquari. Por meio do título “O significado de uma visita” o texto descreve, de forma sensível e simbólica, a ocasião:

O Presidente caminhou ao lado das gérberas bem cultivadas dos canteiros da rua, e viu, do outro lado do rio, as chaminés das indústrias [...]. Depois, acompanhado pelo Ministro Bernhard Vogel, o General Geisel foi ao anfiteatro preparado às margens do Rio do Sinos, onde foi relembado o desembarque histórico. [...]. Estão chegando! - Em São Leopoldo tocam todos os sinos e apitam as fábricas. Os automóveis buzina sem cessar. Do barco com o estandarte do Brasil Imperial, começam a descer os colonos. Mais uma vez eles encontram dificuldades. Há 150 anos foram os índios, as doenças, a falta de assistência educacional e religiosa; hoje é a chuva, que agora aumenta, e torna escorregadia a subida das barrancas. [...] Sente-se uma espécie de comunhão, entre os 10 mil assistentes que integram a cena. O Presidente está sério [...].

Vale destacar que, segundo Elio Gaspari (2003, p. 28), Geisel não gostava de estar relacionado à cultura alemã:

Detestava que o chamassem de Alemão e procurava distanciar-se da cultura de sua família a todo custo. Jamais aprendera direito a língua paterna. Mesmo assim, de todos os presidentes brasileiros, viria a ser aquele que menos guardaria semelhanças com a onipresente figura de Macunaíma [...].

A tão aguardada visita de Geisel à Estrela, anunciada em quatro matérias entre os meses de setembro e novembro de 1975<sup>9</sup>, ocorre em 15 de novembro daquele ano. Amplamente retratada pelo jornal, com várias fotos do acontecimento, foi considerada pelo semanário como “Uma data histórica para Estrela e especialmente para as duas comunidades visitadas”. Ao longo das matérias de cobertura do evento, percebe-se o orgulho e a satisfação estrelense em relação à visita. Na capa do Jornal, sob o título “A visita do Presidente”, o NG informou o roteiro da comitiva presidencial na cidade, concluindo o texto com o seguinte parágrafo: “Nova Geração esteve presente em todos os momentos da visita presidencial neste

---

9 As matérias são: “Geisel poderá visitar Estrela”, 13/09/1975, capa; “Geisel pode vir a Estrela dia 13”, 18/10/1975, capa; “COOLAN confirma vinda de Geisel”, 25/10/1975, capa; “Quinta-feira – Presidente Geisel visita Estrela”, 08/11/1975, capa.

13 de novembro, marco histórico para o município, relatando tudo nesta edição, em várias de suas páginas internas ‘para ler e guardar’.

O jornal considera a visita um marco histórico, dizendo que as matérias não deveriam ser apenas lidas mas também “guardadas”. Na cobertura das atividades realizadas pelo presidente, observa-se sobretudo a intenção de relacionar “afetivamente” o chefe da Nação com sua “Terra adotiva” :

O presidente Geisel destacou em seu discurso de improviso os motivos por que aceitara o convite para vir a Estrela, salientando o apoio que o Governo Central tem procurado dar ao cooperativismo. **Evitou entrar em aspectos sentimentais para não se emocionar.** Ganhou aplausos demorados e verdadeira ovação quando respondeu ao pedido que Elton Klepker fizera momentos antes, solicitando uma estrada asfaltada entre Languiru e o entroncamento rodo-hidro-ferroviário de Estrela. Geisel salientou que esta espécie de estrada não está no programa Nacional. “Mas alguma coisa deve ser feita por nosso governo. O Governo Federal não pode, mas o Estadual pode!” exclamou, olhando para o governador Guazzelli. Este, por sua vez, sorria abertamente, com todos os presente, pela maneira inteligente como fora “passada a bola”. E todos saíram de Languiru convictos que a estrada será construída.

Ainda na mesma edição o semanário salienta o contato e o comportamento do presidente e sua família com as pessoas da região: “Em todas as oportunidades em que pôde manter contato direto com o povo, o presidente o fez, como registra a foto. [...] Geisel cativou a todos os presentes com sua simplicidade e sorriso franco e aberto, juntamente com a esposa Lucy e a filha Amália”.

Os comentários apresentados pelo NG são contraditórios à maioria das características atribuídas ao presidente, pois Geisel era conhecido por sua personalidade bastante séria<sup>10</sup>. Conforme Oscar Pilagallo (2002, p. 135): Austero, centralizador, onipotente, Ernesto Geisel assumiu a Presidência da República, em 15 de março de 1974, como o antípoda de seu antecessor. Em qualquer comparação, um se mostrava o avesso do outro. Se Médici tentara ser simpático, Geisel dispensaria as relações públicas [...] Certa autocomplacência latina dava lugar ao rigor de uma formação prussiana. Saía o católico entrava o luterano. O contraste mais relevante se daria, porém, no campo político: Médici fechara o regime militar, Geisel abria.

Acredita-se que essas leituras “particulares” feitas pelo NG sobre Geisel, que contrapõem-se à ótica da maioria dos autores, tenha ocorrido devido aos “laços de ligação” que por vezes retrataram um presidente diferente, mais simpático e emocionado.

---

<sup>10</sup> Ainda sobre a personalidade de Geisel, de acordo com Skidmore (1988, p. 317) “ Seu estilo autocrático de administrar tinha pouco do encanto e cordialidade tão característicos do homem público brasileiro. [...] Como seu mentor, Castelo Branco, Geisel detestava seu envolvimento pessoal em qualquer campanha de propaganda. As fotos oficiais mostravam agora um presidente cuja conduta austera era o oposto da fácil identificação de seu antecessor com jogadores da seleção campeã de futebol.”

O ano de 1975 foi encerrado com a última edição, de 31 de dezembro, apontando a visita de Geisel como o ponto mais alto do ano. Enquanto isso, no cenário nacional, o balanço geral trazia um ano repleto de avanços e retrocessos em relação à redemocratização. O assassinato do jornalista Vladimir Herzog<sup>11</sup> provocou grande indignação à sociedade e à Igreja Católica, clamando o fim da tortura.

Em 1976, apesar dos esforços do presidente em conclamar os eleitores, o resultado não foi favorável. Segundo Boris Fausto (2001), O Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido da oposição, venceu as eleições para prefeito, conquistando a maioria nas Câmaras Municipais em 59 das 100 maiores cidades do país.

Neste ano, o Nova Geração publicou em sua última edição anual a matéria com o seguinte título “Segunda visita de Geisel – o destaque do ano”.

A segunda visita que Ernesto Geisel faz a Estrela desde que é Presidente da República foi o destaque do ano, repetindo o que acontecera em 1975. Por sinal, Geisel veio visitar aquela que é a obra-destaque em 1976: o Entrocamento Rodo-Hidro-Ferroviário que o Governo Federal constrói no rio Taquari, no momento em que recebeu o impulso definitivo para sua concretização.

A matéria faz menção à visita do presidente à cidade de Bom Retiro, em ocasião da inauguração da Barragem. O fato de o jornal classificar a visita de Geisel, pela segunda vez, como o ponto mais importante do ano, deixa clara a importância dada às matérias até então.

No geral, o cenário político nacional no ano de 1977 era de instabilidade e insegurança por parte do governo. Temia-se as eleições para governador em 1978, pois, de acordo com a Constituição deveriam ser diretas. A previsão do governo era pessimista e tudo indicava que os resultados seriam favoráveis à oposição. Desta forma, em 01 de abril de 1977, Geisel instaurou uma emenda Constitucional por meio do AI-5<sup>12</sup> e fechou o Congresso Nacional.

O NG nada relatou sobre os fatos. Seguindo a linha do jornal comunitário, continuou retratando a vida da comunidade estrelense. Noticiou apenas uma notícia a respeito de Geisel, mas esta intimamente relacionada à cidade.

---

11 Não é demais lembrar que Vladimir Herzog, jornalista e diretor do departamento de notícias do canal de televisão não comercial de São Paulo, foi preso e assassinado pelas Forças de Segurança do II Exército. No dia seguinte à sua morte, o Comando do II Exército divulgou à imprensa que a causa da morte de Herzog fora o suicídio.

12 “Instituído em 13 de dezembro de 1968, foi o mais drástico dos Atos Institucionais até então editados. O AI-5 autorizava o Presidente da República, independente de qualquer apreciação judicial, a decretar recesso do Congresso Nacional e de outros órgãos legislativos, a intervir nos estados e municípios sem limitações prevista na Constituição, a cassar mandatos e a suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão, a decretar o confisco de “bens de todos quanto tenham enriquecido ilicitamente” e a suspender a garantia de habeas corpus.” [http://www.cpdoc.fgv/dhbb/verbetes\\_htm/5744\\_3.asp](http://www.cpdoc.fgv/dhbb/verbetes_htm/5744_3.asp) - (27/11/2005).

Não existiu nenhuma matéria de caráter político em meio a este histórico momento em que se encontrava a política brasileira.

A única matéria do ano de 1978 trata do falecimento do sogro de Ernesto Geisel, Sr. Augusto Frederico Markus. Depois disso, nada mais se falou sobre a vida pública e particular do presidente até o final de seu mandato. É provável que a falta de contato com a cidade seja a causa da escassez de matérias. Aponta-se, ainda, a possibilidade de um sentimento de frustração das expectativas da comunidade, que esperava mais atenção de seu ilustre filho. Em “Festa de Despedida”, texto publicado pelo Jornal em 16 de março de 1974, é possível perceber a intenção da comunidade à predileção do mais novo presidente - o imaginário que aflora e aspira.

Gente, gente, gente se acotovela pelas vias públicas. Querem ver o alto mandatário. Querem saudar a primeira dama do país e sua filha, tão ligadas por laços familiares e de amizade a este povo. Mas o programa também é de trabalho. Inaugura-se o grandioso complexo do porto graneleiro. Destacam-se gigantescos silos. Guindastes e esteiras rolantes para a carga e descarga. Enormes canteiros para a movimentação de veículos pesados. [...] No ginásio coberto do Centro Educacional será servido monumental churrasco, digo melhor, almoço típico para vários mil convidados. O cardápio constará de chucrute, lombinho defumado, batatinha cozida, salsicha rechochuda e chope, muito chope geladinho, distribuído pelos quatro cantos. A todo momento características da cidade são misturadas à figura do presidente. A “grande festa” seria a máxima homenagem da “mãe” a seu ilustre filho: É certo que um guri quebrará o protocolo, iludindo o serviço de segurança, e receberá um autógrafo como prêmio. À noite acontecerá a inauguração da feérica iluminação do Estádio Municipal, onde o Presidente dará o pontapé inicial do jogo entre as equipes do choque-rei da região. Antes houvera um espetáculo de fogos de artifício para deslumbrar os assistentes com a explosão de luzes coloridas. Assim será, sr. Redator. Juro será assim a festa de Estrela, daqui a cinco anos, quando do fim do Governo General Ernesto Geisel.

Contudo, embora considerando a diminuição das matérias ao final do mandato, destaca-se que o NG não expressou nenhuma crítica política à Geisel nem a seu governo durante o período. Cumprido seu papel de jornal comunitário, visto ao longo deste trabalho, levou a seus leitores as informações que julgou serem pertinentes.

Desta forma, questionada a hipótese inicial, confirma-se o tom opinativo favorável ao presidente e sua gestão, por meio de matérias de sua vida pública e política; privada e familiar, sendo que em ambas manteve os vínculos com a terra materna. Ernesto Geisel foi considerado sorridente e emocionado; características percebidas pelo Jornal *Nova Geração* de Estrela, que contrariaram todas as demais descrições sobre o “austero” presidente.

**REFERÊNCIAS**

- BARRINGTON, Moore Junior. **As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do Mundo Moderno**. Lisboa: Edições Cosmos, 1983.
- CHAGAS, Carlos. **O Brasil sem retoque (1808–1964)**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e repressão**. Bauru: EDUSC, 2002.
- GALVANI, Valter. **Brasil por linhas tortas: a imagem do nosso país através da imprensa Internacional**. Porto Alegre: Sulina, 1970.
- GEORGES, André Fietchter. **O regime modernizador no Brasil (1964–1972)**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1974.
- LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- MENDONÇA, Sonia Regina de, FONTES, Virginia Maria. **História do Brasil recente (1964- 1980)**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Golpe de 64**. Porto Alegre: Suzana Gastal, 1994.
- RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: UNESP, 1993.
- SILVA, Helio e CARNEIRO, Maria Cecilia Ribas. **O Governo Geisel 1974–1978**. Milesi, 1979.
- SKIDMORE, Thomas. **O Brasil de Castelo à Tancredo (1964 – 1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- TOLEDO, Caio Navarro de (Org.). **1964 – Visões críticas do golpe: Democracia e Reformas no Populismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.